



OS PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO NO CONTO “A ROSE FOR EMILY”

Jorge Luis Queiroz Carvalho
Maria Vanderlúcia Sousa Tabosa
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: O artigo objetiva analisar o processo de recategorização pelo qual passa a personagem principal do conto “A Rose for Emily” do escritor americano William Faulkner. Examinamos, desse modo, a cadeia referencial em torno do objeto de discurso “Emily”, introduzido no título e retomado ao longo de toda a narrativa. Esse estudo descritivo-interpretativo fundamenta-se, teoricamente, nos postulados da Linguística Textual e, de maneira mais precisa, ampara-se nas discussões realizadas por autores como Mondada e Dubois (2003), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Cavalcante (2005; 2013), Lima (2009) e Custódio Filho (2011) sobre os processos de referenciação e a recategorização. A análise mostra um *continuum* no qual a personagem é introduzida de modo imparcial e passa por várias reelaborações ao longo da progressão textual. Observamos que as recategorizações se apoiaram em recursos linguísticos que têm sido tradicionalmente tomados como categoria de análise da referenciação, como é o caso das anáforas, mas também se manifestam a partir de predicções e, por vezes, acontecem sem menção referencial, dependendo de processos inferenciais que instauram novas representações para esse objeto do discurso. Identificamos, ainda, que as representações que vão sendo construídas para o referente tanto confirmam quanto refutam as recategorizações anteriores. Constatou-se, portanto, que as recategorizações atuaram na construção de um objeto de discurso oscilante, ora apresentado com características positivas, ora sendo caracterizado negativamente.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação. Recategorização. Texto literário.

ABSTRACT: *The article aims to analyze the process of recategorization of the main character of the short story “A Rose for Emily” by William Faulkner. We examine the referential chain around the object of discourse “Emily”, the character introduced in the title and resumed throughout the narrative. This descriptive and interpretative study is based theoretically on the postulates of Text Linguistics and, more precisely, on the discussions held by authors such as Mondada and Dubois (2003), Apothéloz and Reichler-Béguelin (1995, Cavalcante (2005; 2013), Lima (2009) and Custódio Filho (2011) about the referential process and recategorization. The analysis shows a continuum in which the character is introduced impartially and goes through several recategorizations along the text progression. We note that this process relied on linguistic marks that have traditionally been taken as analytical categories of referentiation, as in the case of anaphoras. We also identified new representations through predications and sometimes without referential indication, depending on inferential processes that establish new representations for this object of discourse. We also identify that the representations built for the referent both confirmed and refute previous recategorizations. It was found, therefore, that recategorizations worked in the construction of an oscillating object of discourse, sometimes presented with positive characteristics, and sometimes being characterized negatively.*

KEYWORDS: *Referentiation. Recategorization. Literary text.*

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o processo referencial da recategorização no texto literário. Para tanto, entendemos a referenciação como uma atividade que constrói representações discursivas da realidade a partir da negociação entre os interlocutores que partilham o trabalho sociocognitivo de construção dos sentidos do texto. Essa caracterização toma por base os estudos que se fundamentam no quadro teórico da Linguística Textual, recorrendo, principalmente, aos estudos de Mondada e Dubois

(2003), Cavalcante (2005; 2013), Marcuschi (2005), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Koch e Elias (2013) e Lima (2009). Tais autores tem posto em evidência que os referentes são construídos discursivamente, de maneira processual e situados em situações reais de interação.

O material escolhido para análise trata-se do conto “A Rose for Emily” (Uma Rosa para Emily), publicado em 1930 e de autoria do escritor americano William Faulkner. A história é situada na fictícia cidade de Jefferson, no estado americano do Mississippi. Na análise, atentamos para as diferentes recategorizações pelas quais passa Emily, personagem que dá título à obra. Desse modo, embora não deixemos de considerar produtiva a análise de outros referentes – haja vista que diferentes objetos de discurso vão sendo recategorizados ao longo do texto – nós optamos por observar um único referente por nosso interesse consistir em fazer uma amostra de como a análise textual evidencia o percurso que passa a atividade discursiva de referenciar e recategorizar os objetos de discurso.

Para operacionalizar a análise, lançamos mão de nosso olhar interpretativo, uma vez que entendemos a referenciação como processo de (re)elaboração da realidade que toma por base nossas habilidades sociocognitivas. Para tanto, apresentamos a seguir a fundamentação teórica deste trabalho; na sequência apresentamos a análise dos dados e, por fim, reunimos os resultados obtidos e tecemos alguns comentários conclusivos.

Os processos de referenciação e recategorização

Os estudos em Linguística Textual que têm tomado a referenciação como objeto de estudo a apresentam como uma atividade discursiva que mobiliza determinadas finalidades comunicativas (CAVALCANTE, 2013). Nesse sentido, pode-se dizer que a referenciação é um processo que se assenta em projetos de dizer construídos na (e pela) interação verbal. Essa visão é tributária da concepção de Mondada e Dubois (2003), que consideram esse fenômeno como uma atividade procedente de práticas simbólicas. Essas práticas simbólicas dizem respeito à relação entre os textos e a contraparte não-linguística nas quais eles estão engendrados, isto é, suas condições de produção, circulação e recepção. Os sentidos dos referentes, bem como do texto, portanto, se denotam a partir da relação simultânea entre produção verbal e os contextos situacionais que os fazem emergir.

Desse modo, de acordo com Mondada e Dubois (2003), os referentes – ou objetos de discurso – não podem ser concebidos como entidades preexistentes no mundo, como apregoava a Semântica Formal,

uma vez que eles não são estáveis e não dizem respeito às coisas experienciadas no espaço físico. Os objetos de discurso, por outro lado, possibilitam fazer referência a objetos do mundo a partir da construção de representações discursivas. Nessa perspectiva, a noção de referência torna-se mais complexa e é reabilitada, de modo que podemos compreendê-la como uma atividade, trazendo para o cerne das discussões os chamados processos de referenciação, dentre eles, a recategorização, abordada neste artigo.

Para Mondada e Dubois (2003), estudar os processos de referenciação significa estudar as maneiras pelas quais construímos representações discursivas de determinados objetos. Elucidando essa problemática de modo mais detalhado, Cavalcante (2013) mostra que a referenciação pode ser encarada sob três pontos de vista: i) como atividade discursiva de elaboração da realidade; ii) como processo de negociação entre locutores e iii) como processo que demanda um trabalho sociocognitivo de construção do sentido.

No que diz respeito ao primeiro ponto de vista, entendemos que encarar a referenciação como *atividade discursiva de elaboração da realidade* repercute na maneira pela qual os referentes são concebidos. Como já mencionamos, os processos referenciais são maneiras de construir representações de objetos da realidade via texto. Adam (2008, p. 114), a esse respeito, mostra que “a linguagem faz referência e que todo texto é uma proposição de mundo”. Desse modo, reiteramos que nem todo objeto de discurso é uma entidade real, mas tem poder de representa-lo e passa a ser parte de um mundo que é construído textualmente. Remetendo ao que já havia sido apontado por Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2013) mostra que os referentes não são estáveis e, por essa razão, as representações de um mesmo referente se reelaboram a partir de suas retomadas ao longo do texto por meio de anáforas. Um referente, então, pode ser recategorizado de modo a acrescentar, corrigir ou confirmar informações sobre ele ao longo da progressão textual (CUSTÓDIO FILHO, 2011).

Porém, para representar o mundo, é preciso que haja *negociações entre os interlocutores* que partilham a tarefa de (re)construir os sentidos do texto. No segundo ponto de vista, entendemos que a (re)elaboração dos referentes não é uma atividade objetiva, tampouco subjetiva, como já haviam sinalizado Mondada e Dubois (2003). Cavalcante (2013, p. 110) mostra que a referenciação é um processo intersubjetivo, que pressupõe diferentes interlocutores, uma vez que, “nas interações, as ideias não se processam isoladamente na mente de cada sujeito, mas dependem de como cada um percebe a ação dos outros participantes incluídos na situação”. Desse modo, para que as representações construídas nos textos possam ser compreendidas é preciso que haja cooperação entre os participantes, uma vez que

os efeitos de sentido são gerados a partir de imagens que os interlocutores criam de seus parceiros bem como a partir da ativação de determinados conhecimentos.

O conhecimento compartilhado entre os interlocutores, então, é encarado como fator indispensável para o processamento referencial, pois, como revela Cavalcante (2013), a referenciação demanda um *trabalho sociocognitivo*. Nesse terceiro viés, entendemos que as experiências partilhadas socialmente exercem influência na apreensão dos referentes que se apresentam no texto. Por essa razão, a realidade que é elaborada textualmente é apreendida através de um esforço cognitivo, no qual enunciador e enunciatário ativam conhecimentos compartilhados para que possam compreender e contribuir para a produção do sentido.

O projeto de sentido dos enunciadores, então, se manifesta a partir de suas escolhas linguísticas. Entre as estratégias que materializam os processos referenciais, podemos destacar a introdução, retomada e desfocalização dos referentes (KOCH; ELIAS, 2013). Três categorias maiores que englobam esses processos são elencadas por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a saber: a introdução referencial; a dêixis e as anáforas. A *introdução referencial*, como o próprio termo já diz, ocorre quando uma expressão referencial aparece no texto pela primeira vez. Os *dêiticos*, por sua vez, possuem a capacidade de criar um vínculo entre o cotexto e a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação. Classificam-se em: dêixis pessoal, dêixis social, dêixis temporal, dêixis textual e dêixis de memória. Não se faz necessário neste momento descrever detalhadamente esses processos, visto que, nosso foco recai sobre o processo de recategorização que é viabilizado por outras expressões referenciais, entre elas, as anáforas.

As anáforas são expressões que possuem a propriedade de promover a continuidade da progressão referencial. Esse mecanismo linguístico possibilita a retomada ou remissão a um determinado referente ou a outro com o qual ele mantenha algum tipo de associação. As expressões que retomam o mesmo referente são classificadas como *anáforas diretas* ou *correferenciais*. As retomadas anafóricas, de acordo com Cavalcante (2013), podem ser feitas por estruturas linguísticas de diversos tipos, por exemplo: pronomes substantivos, sintagmas nominais ou sintagmas adverbiais. Outro tipo de anáfora, diferente da direta/correferencial, são as anáforas *indiretas* ou *não correferenciais*, essas não retomam o mesmo referente, mas sim, remetem a outros objetos de discurso que estão postos no contexto e são passíveis de serem inferidos por meio do nosso processamento sociocognitivo. Há, ainda, as *anáforas encapsuladoras* que podem introduzir um novo referente por meio da sumarização de informações

apresentadas no texto, podendo aparecer sob a forma de um pronome demonstrativo ou de uma descrição nominal.

No tocante às anáforas diretas, ou correferenciais, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 63) apresentam a seguinte afirmação:

A tendência dos referentes retomados, nas anáforas, é evoluir durante o desenvolvimento do texto. Assim, o referente pode permanecer o mesmo nas anáforas correferenciais, mas, com o acréscimo de informações, sentimentos, opiniões, esperável na progressão das ideias do texto, ele se transforma, isto é, vai sendo recategorizado, tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor.

Entende-se, desse modo, que as anáforas, sobretudo as correferenciais, acrescentam e transformam o objeto de discurso o qual retoma por meio do processo de *recategorização*. Lima (2009) explica o que é recategorização fazendo um percurso histórico em que apresenta Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) como os primeiros teóricos a sistematizar um estudo desse fenômeno na Linguística Textual. Os pioneiros sustentam que esse processo consiste basicamente em uma maneira – utilizada pelos interlocutores – de rerepresentar os objetos de discurso de acordo com diferentes condições enunciativas. Isso demonstra que as anáforas não são apenas itens lexicais que se retomam na progressão textual, tendo em vista que elas assumem um importante papel na construção dos sentidos do texto. Desse modo, a mobilização das anáforas é vista como um procedimento que pode modificar os objetos do discurso, isto é, podem recategorizá-los, acrescentando-lhes novas acepções.

Afirma Cavalcante (2005, p. 132) que “a ‘recategorização’ é, por definição, uma alteração nas associações entre representações categoriais parcialmente previsíveis, portanto, em nossa visão pública do mundo.”. Nesse sentido, a recategorização configura-se como um processo que transforma a representação que temos de um determinado objeto de discurso anteriormente mobilizado. No tocante a recategorização anafórica, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) postulam a existência de três diferentes situações em que ela pode ocorrer. Essa classificação encontra-se destacada em Lima (2009, p. 30) da seguinte maneira:

- i) quando há uma transformação do objeto de discurso no momento da designação anafórica;
- ii) quando a expressão referencial anafórica não leva em conta os atributos do objeto predicados anteriormente;
- iii) quando a expressão referencial anafórica homologa os atributos do objeto explicitamente predicados.

Lima (2009) expande essa visão defendendo que a recategorização não é necessariamente construída no nível textual-discursivo, embora ela se materialize por meio de marcas linguisticamente identificáveis.

Desse modo, a remissão ou a retomada dos referentes por meio de anáforas nem sempre é o bastante para haver reelaboração, uma vez que a recategorização acontece pela evocação de elementos que estão radicados num nível cognitivo. Em decorrência dessa visão, a autora entende que a recategorização apoia-se em processos inferenciais. Embora o foco de nosso estudo seja de natureza textual, Lima (2009) sugere que uma interface com a Linguística Cognitiva se faz necessária para oferecer uma caracterização mais substancial a esse fenômeno. Nessa perspectiva, a autora integra os estudos cognitivos aos estudos em referenciação que são enviesados pela perspectiva da Linguística Textual com vistas a entender que as expressões referenciais da recategorização não concernem apenas às anáforas. O exemplo apontado pela autora explicita essa visão:

E o velhote fica noivo de uma menina de dezessete anos. O casamento dos dois vira o assunto do momento no bairro. Um parente próximo tenta dissuadi-lo da ideia: – Cai na real, Olegário! Não vai demorar um mês e essa garota vai começar a te chifrar! Por que não arruma uma mulher mais madura, mais experiente, que cuide bem de você? – Nada disso, meu caro! Eu prefiro dividir um filé com os amigos do que comer pelanca sozinho! (SARRUMOR, 1999, p. 138 *apud* LIMA, 2009, p.60).

Segundo Lima (2009), nessa piada há duas recategorizações: de “garota” como “filé” e de “mulher madura” como “pelanca”. Nesse modelo machista, o corpo da mulher, é metaforicamente recategorizado como “carne”, causando um efeito metonímico que distingue dois tipos de carne: o “filé”, de melhor qualidade e associado à juventude, e a “pelanca”, de pior qualidade, severamente associado à mulher madura. Custódio Filho (2011) corrobora com o entendimento da autora ao reiterar que a recategorização não está condicionada a uma menção anafórica. Nesse sentido, compreende o autor que a reelaboração pode, inclusive, se processar por meio de outros recursos linguísticos, como é o caso das predicções. Ao repensar as anáforas, Cavalcante (2005) levanta uma questão pertinente sobre o processo de recategorização: ele refuta o já dito, ou seja, para que um referente se recategorize, é necessário que ele já tenha sido introduzido no discurso, por isso, pensou-se que só as anáforas poderiam cumprir a função de recategorizadoras, no entanto, o processo cognitivo-discursivo da recategorização não depende apenas das anáforas. Problematizando e ampliando a visão acerca desse fenômeno cognitivo-discursivo, Lima (2009) reconhece a importância da proposta da recategorização anafórica de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995), mas ressalta a limitação desse primeiro estudo quanto aos aspectos cognitivos inerentes a reelaboração dos objetos de discurso.

A autora, portanto, amplia esse conceito considerando que tanto as anáforas diretas quanto as indiretas podem recategorizar os referentes, reiterando, assim que o processo de recategorização só é possível de

acontecer através da admissão dos aspectos cognitivos que o permeiam. Ressaltamos, sobretudo, que essa concepção já havia sido sinalizada por Cavalcante (2005). Dentro desse contexto faremos uma análise do conto *A rose for Emily* (Uma rosa para Emily) do escritor americano William Faulkner. Na análise, daremos ênfase à cadeia referencial de construção da personagem que dá título à obra atentando para as recategorizações pelas quais ela passa ao longo da narrativa.

As recategorizações de “Emily”

Neste trabalho, analisamos a cadeia de recategorizações por que passa a personagem que intitula o conto analisado, atentando para as expressões referenciais que permitem a (re)construção desse referente. Desse modo, mencionamos que a introdução desse objeto de discurso já acontece no próprio título do conto: “Uma Rosa para *Emily*”. Tal referente é retomado no início da narrativa, quando o narrador se refere à personagem dando ênfase a maneira pela qual os habitantes da cidade encararam a morte dessa cidadã, cuja vida foi marcada pelo seu jeito discreto de ser em contraste com a curiosidade de seus conterrâneos:

(Excerto 01)

Quando (1) **Miss Emily Grierson morreu**, toda a nossa cidade compareceu ao enterro: os homens em atenção a essa espécie de carinho respeitoso que se tem por um (2) **monumento tombado**; as mulheres movidas pela curiosidade de ver o interior de sua casa, onde ninguém entrara nos últimos dez anos, exceto um velho negro, ao mesmo tempo cozinheiro e jardineiro. Era um casarão quadrado, de madeira, outrora branco, decorado de cúpulas, de flechas, de balcões, no estilo pesadamente frívolo da época de 1870, situado na rua que já tinha sido a mais distinta da cidade. (...) (3) **Viva, Miss Emily fora uma tradição, um dever e um aborrecimento: espécie de obrigação hereditária, pesando sobre a cidade desde o dia em que, em 1894, o Coronel Sartoris (o prefeito que baixou o decreto proibindo às negras saírem à rua sem avental) a isentara do pagamento de impostos.**

Ao se referir a Emily como (1) *Miss Emily Grierson*, o narrador começa a fornecer novas informações acerca da enigmática personagem, uma vez que a introdução referencial manifesta no título do conto não nos dá pistas suficientes para a (re)construção do objeto de discurso que aqui analisamos. Sabemos que o uso pronome de tratamento “Miss” é direcionado apenas as mulheres solteiras e, por isso, seu uso antes do nome completo do referente em construção mostra que se trata de uma mulher que nunca foi casada. O predicado verbal (1) “morreu” também atua na caracterização desse referente, uma vez que deixa explícito, logo no início da narrativa, que a personagem principal da obra já faleceu. Nota-se, aqui, uma

recategorização nos moldes apresentados por Custódio Filho (2011), ou seja, de recategorização sem retomada anafórica, mas por meio de uma predicação.

Em (2), vemos as opiniões acerca de Emily que também atuam no estabelecimento desse objeto de discurso. Assim, o locutor narra que os homens da cidade a tratavam com o mesmo carinho e respeito que se tem por um *monumento tombado*. É do conhecimento geral que o tombamento de um monumento implica reconhecer o valor histórico e cultural de um determinado patrimônio – modo pelo qual o referente é categorizado. Tal visão, porém, parece não ser exclusiva dos homens contemporâneos a Emily, uma vez que, conforme a narrativa avança, ficamos sabendo que essa figura ilustre gozava de certo prestígio social desde sua juventude. Isso pode ser observado na construção (3) que a recategoriza de diferentes maneiras, criando uma espécie de *continuum* no qual o referente, a partir de diferentes predicações, é retratado como uma tradição, um dever e um aborrecimento.

Enquanto “monumento tombado”, Emily era uma tradição do município onde morava; enquanto dever, as autoridades municipais reconheciam seu *status* e prestígio, isentando-a do pagamento de impostos; como obrigação, nosso conhecimento de mundo mostra o impacto negativo da não arrecadação das tarifas de um casarão de luxo situado na região mais valorizada da cidade. Não é a toa que, décadas depois, a concessão dada a ilustre figura gerou controversas ao ponto de ser revogada. Por esse motivo, as gerações seguintes foram até sua casa numa tentativa inútil de convencê-la a voltar a pagar seus impostos.

Após dar informações acerca da personalidade de Emily, o narrador prossegue apresentando as características físicas da personagem, como veremos no excerto seguinte.

(Excerto 02)

Levantaram-se à sua entrada. (4) **Era uma mulherzinha pequena e gorda, vestida de preto, com uma fina corrente de ouro descendo-lhe do pescoço até a cintura, onde desaparecia no cós da saia.** (5) **Tinha a ossatura pequena e delicada; talvez, por isso, o que em outra pessoa seria apenas gordura, parecia, nela, obesidade.** (6) **Dava a impressão de estar inchada, como um cadáver muito tempo submerso numa água estagnada; tinha, mesmo, de um afogado, a carne lívida e balofa.** (7) **Seus olhos, perdidos nas intumescências de sua face, lembravam dois pedacinhos de carvão enfiados numa bola de massa e iam de um rosto a outro, enquanto os visitantes expunham o caso.**

Não mandou que sentassem. Conservou-se, apenas, em pé no limiar da sala, e esperou tranquilamente que o porta-voz se interrompesse, balbuciando. Então, puderam ouvir o tic-tac do relógio invisível, preso na ponta de sua corrente de ouro.

(8) **Sua voz era seca e fria:**

– Não tenho impostos a pagar em Jefferson. O Corenel Sartóris me explicou isso. Talvez um dos senhores possa consultar os arquivos da cidade e dar satisfações aos demais.

O referente continua sendo recategorizado na construção que percorre os enunciados destacados de (4) a (8). Em (4), ela é retratada como uma mulherzinha pequena e gorda que vestia preto e usava uma longa e fina corrente. Em (5), o narrador continua recategorizando a personagem, dessa vez, fazendo uso de uma anáfora indireta. Note-se que, no enunciado “Tinha a ossatura pequena...”, o referente Emily está implícito elípticamente e é facilmente recuperado pelo nosso processamento sociocognitivo. Nesse caso, ao descrever a personagem, mobiliza-se a anáfora indireta “ossatura” que está ancorada no referente que aqui analisamos. Nesse sentido, uma parte da personagem é trazida para discussão, mobilizando um novo objeto de discurso. Para Marcuschi (2005), esse tipo de anáfora não apenas retoma o referente anteriormente ancorado, isto é, não apenas retoma “Emily”, mas ativa um novo, nesse caso, “ossatura”, se ampara em objeto de discurso presente no co(n)texto.

Emily – objeto de discurso âncora – assim como todos os seres humanos, possui um suporte físico, que, para a narrativa, carece de descrição. Desse modo, acreditamos que trazer à tona outro objeto de discurso com o qual o primeiro mantém uma relação metonímica é um fator que cumpre a função de construir representações da personagem em questão. O corpo pequeno de Emily que se via envolto na obesidade, assim, dá margem a novas recategorizações que surgem a partir de sua comparação com um cadáver encharcado (6). A aparência tenebrosa daquela que foi apresentada como um monumento tombado da cidade se intensifica através da descrição dos seus olhos. Uma nova anáfora indireta é mobilizada em (7) e corrobora para a construção da aparência decadente de Emily revelando que seus olhos, envolvidos pela gordura facial, pareciam duas brasas.

Em (8), a âncora em destaque evoca mais uma anáfora indireta, pois ficamos sabendo que ela tinha uma voz seca e fria que, sem muitas delongas, se contentava em responder às autoridades da cidade que não tinha nenhum imposto a pagar. Observamos, então, que a Emily, em seus últimos dias, é apresentada como uma pessoa de aparência fúnebre, irredutível, de poucas palavras. As próximas informações que são dadas a respeito dessa personagem, como veremos, ajudam na confirmação do seu jeito prepotente de ser.

(Excerto 03)

(9) Assim **ela os venceu irremediavelmente, como já lhes vencera os pais, trinta anos antes, a respeito do cheiro**. Isso aconteceu dois anos após a morte de seu pai, e quase em seguida à ocasião em que o namorado – aquele mesmo que nós pensávamos iria se casar com ela – a abandonou. Aquela morte e o abandono do namorado fizeram que (10) **ela depois pouco sáísse de casa**. Algumas senhoras tiveram a temeridade de ir visitá-la, mas não foram recebidas e, naquela casa, o único sinal de vida era o negro – ainda moço, então – que entrava e saía com um cesto de compras.

– Como se um homem – seja quem for! – pudesse conservar limpa uma cozinha! – diziam as senhoras. Assim, ninguém se surpreendeu quando se começou a sentir o cheiro. Foi um novo laço que se estendeu entre a gente grosseira e prolífica do bairro e os grandes e poderosos Grierson. (...) Assim, na noite seguinte, de madrugada, quatro homens atravessaram o gramado do jardim de Miss Emily e, como assaltantes, rondaram a casa, farejando os alicerces de tijolos e os respiradouros do porão, enquanto um deles, com um saco nos ombros, fazia, com regularidade, o gesto do semeador. Arrombaram a porta da adega, que salpicaram de cal, assim como todas as dependências. Quando, de volta, atravessaram o gramado, uma janela, até então sombria, iluminou-se de repente e viram (11) **Miss Emily sentada à contraluz, ereta, rígida, imóvel como um ídolo.**

Em (9), o referente é retomado por uma anáfora direta com o acréscimo de novas informações. Desse modo, o pronome *ela* e o segmento que afirma que sua vitória contra os funcionários municipais, bem como de seus antepassados, colocam Emily como alguém que possui personalidade irreduzível, cuja invencibilidade ultrapassava gerações. Em (09) ainda identificamos mais um referente: “cheiro”, que, embora não faça parte da cadeia referencial de Emily, é importante para a narrativa. A austeridade da personagem ainda se confirma em (10) e (11). Em (10), ficamos sabendo que ela pouco saiu de casa após a morte de seu namorado, o que a levou se isolar e, supostamente, descuidar da higiene de seu lar. O mau cheiro espalhou-se pela vizinhança e foi preciso que invadissem seus aposentos a fim de acabar com o odor. A entrada por invasão se justifica pelo fato de ninguém ter tido a coragem de enfrentá-la e incitá-la a cuidar melhor da limpeza doméstica. Na ocasião da invasão (11), os homens encontraram Emily sentada ereta, rígida, imóvel como um ídolo. Sua postura imponente leva a sua recategorização com um objeto de veneração sob a incidência da luz.

Vemos o referente mais uma vez ser recategorizado, demarcando a suntuosidade e reverência que tal figura transmitia e parecia exigir. No excerto 04 observamos que tal postura não é típica apenas de Emily, mas de outros membros de sua família. Vejamos:

(Excerto 04)

A gente de nossa cidade, que se lembrava de Lady Wyatt, sua tia-avó, que acabara louca, achava que (12) **os Grierson se julgavam muito mais importantes do que eram na realidade.** Nenhum dos rapazes da cidade fora jamais considerado à altura de (13) **Miss Emily.** Nós os imaginávamos muitas vezes (14) **como um quadro: ao fundo, Miss Emily, esguia figura vestida de branco;** no primeiro plano, a silhueta de seu pai, virando-lhe as costas, com as pernas abertas, um chicote na mão; (15) **ambos, enquadrados pelos caixilhos da porta escancarada.** Assim, quando (16) **ela chegou aos trinta anos ainda solteira,** não posso dizer que isso tenha causado uma verdadeira alegria, mas nós, os rapazes, nos sentimos vingados (...) Morto o pai, correu o boato de que só lhe tinha ficado a casa de herança, o que, de certo modo, alegrou todo mundo. Até que enfim, podiam apiedar-se de Miss Emily. (17) **Sozinha e na pobreza, iria humanizar-se.** Agora, (18) **ela também conheceria a velha satisfação e o velho desespero de um vintém a mais ou de um vintém a menos.**

Nesse excerto, aquela que parecia um ídolo, no entanto, não era considerada tão ilustre para alguns. A anáfora encapsuladora *Os Grierson* (12) rotula não apenas a personagem principal do conto, mas também seu pai, sua tia-avó e demais membros de sua família. Por ser uma Grierson, o referente é representado como alguém que se julgava superior. Não é a toa que na cidade não havia ninguém que fosse considerado ideal para casar-se com Miss Emily (13), o que nos permite recategorizá-la como alguém superior aos demais habitantes de Jefferson, uma vez que ninguém estava a sua altura. Vemos em (14), a imagem da senhora medonha apresentada nas sequências de (4) a (7) (excerto 2) se reelaborar de maneira menos sobrecarregada. Em vez de usar preto (4) e parecer um cadáver inchado (6), a Emily da juventude era vista como uma pintura em um quadro, vestindo roupas de cores mais suaves, que remetem à paz e serenidade. Seu porte físico também não era o mesmo. Por ser esguia, a jovem é recategorizada como alguém dentro dos padrões de beleza impostos pela sociedade da época, em contraste com a gordura com a qual foi representada no excerto 02.

A placidez de Miss Emily, no entanto, não foi suficiente para que ela se casasse na idade imposta pelos padrões do século XIX. No enunciado (16), ficamos sabendo que, mesmo aos 30 anos, ela não havia contraído matrimônio o que, aliás, despertou sentimentos de vingança nos rapazes da cidade que foram desprezados por sua família por não serem considerados a altura de uma mulher de tão elevado nível social. Com a morte do pai, começam as especulações sobre o futuro da personagem. O referente, então, é recategorizado mais uma vez: de jovem aristocrata, Emily agora era uma mulher sozinha e na pobreza. O narrador sugere, ainda, que a personagem iria se tornar mais humilde. Fazendo uso dos verbos no condicional, insinua que Emily *iria humanizar-se* (17) e que conheceria *a velha satisfação e o velho desespero* (18) de ter suas moedas contadas para pagar suas despesas. O tempo seria cruel para Emily não apenas nas questões financeiras, como ilustra o seguinte excerto.

(Excerto 05)

(19) Esteve muito tempo doente. (20) Quando tornamos a vê-la, tinha os cabelos cortados, o que a fazia parecer uma menina e lhe dava uma vaga semelhança com os anjos dos vitrais de igreja – uma mistura de trágico e sereno.

A cidade acabava justamente de firmar o contrato para pavimentação das calçadas e, no verão que seguiu a morte de seu pai, começaram os trabalhos. A companhia construtora trouxe negros, mulas e máquinas, e um contramestre chamado Homer Barron, um “yankee”, homem grande, moreno e decidido, com um vozeirão enorme e olhos mais claros do que a pele do rosto. (...)

Ao chegar em casa, tirou o papel; na tampa da caixa, debaixo da caveira e os dois ossos, estava escrito: “Para ratos”.

Assim, no dia seguinte, nós dizíamos: (21) “**Ela vai suicidar-se**”, e achávamos que era a melhor solução. Quando começámos a vê-la com Homer Barrou, tínhamos dito: “Vai casar-se com ele”. Depois, dizíamos: “Ela ainda acabará por persuadi-lo”, porque o próprio Homer observava – gostava da companhia dos homens e sabia-se que bebia com os rapazes no Elk’s Club – que não era feito para casamento. Mais tarde, dissemos: (22) “**Pobre Emily**”, por detrás das venezianas, quando ambos passavam, nas tardes de domingo, na carriola vistosa, (23) **Miss Emily de cabeça erguida** e Homer Barrou com o chapéu de lado e um charuto entre os dentes, segurando as rédeas e o chicote nas luvas amarelas.

As expectativas de que iria definhar não se confirmaram. Apesar de ter ficado doente (19) e reclusa em sua casa após a morte do pai (10), ela reaparece rejuvenescida. Em (20), o referente volta a ser recategorizado: agora ela tinha os cabelos cortados, ainda que já tivesse 30 anos, parecia uma menina e lembrava um anjo semelhante aos que adornavam as igrejas. A aparência, embora serena, também é recategorizada como trágica, retomando o aspecto fúnebre que envolve o referente desde o início da narrativa. O que reascende sua vontade de viver, no entanto, é a chegada de Homer Barron, um *yankee*. Embora não seja foco dessa análise ver as recategorizações de outros referentes, é preciso destacar que *yankee* era a maneira pela qual os nortistas americanos eram chamados, ou seja, os habitantes das regiões que defendiam a abolição da escravatura. A aristocracia sulista na qual Emily estava inserida, no entanto, lucrava muito com a escravidão e o impasse do governo por decidir entre abolição ou manutenção da escravidão culminou na controversa Guerra Civil Americana. Nesse sentido, a personagem envolve com uma figura no mínimo desprezada socialmente.

A curiosidade em volta da vida de Emily era tamanha que, mesmo ao executar tarefas aparentemente comuns, como a compra de um veneno para ratos, levantava suspeitas (21) que lhe atribuem uma imagem de fragilidade, ao mesmo tempo em que a própria ressalta a onipotência do referente, haja vista que acreditam que ela poderia ser agente de sua própria morte. No entanto, mais uma vez os habitantes se enganam e, embora acompanhada do controverso rapaz que, além de ser um *yankee*, “gostava da companhia dos homens e não era feito para casamento”, a *Pobre Emily* – como é recategorizada em (22) – mostrava sua altivez e aparece recategorizada em (23) como uma mulher de cabeça erguida. O referente, então, é corrigido, uma vez que a reelaboração em (23) mostra que ela não se envergonha de passear ao lado do homem que amava em uma carruagem ostentosa. A narrativa segue:

(Excerto 06)

A princípio, todos ficaram satisfeitos de ver que (24) **Miss Emily tinha agora um interesse na vida**. As senhoras andavam dizendo: “Naturalmente, nunca (25) **uma Grierson** tomará a sério um nortista, um assalariado.”

Mas havia outras pessoas, as mais velhas, que achavam que nem mesmo o desgosto deveria fazer que (26) **uma verdadeira senhora** se esquecesse de que “noblesse oblige”. (Sem no entanto, empregar essa expressão: Noblesse oblige). Diziam, apenas: (27) **“Pobre Emily**. Os parentes deviam procurá-la.” E, mal a gente velha exclamou (28) **“Pobre Emily”**, os mexericos começaram: “Vocês imaginam que, realmente...” diziam uns para os outros. (...) (29) **“Pobre Emily!”** (30) **Ela**, porém, erguia a cabeça bem alto, mesmo quando pensávamos que tinha decaído. Parecia, mais do que nunca, exigir que se reconhecesse sua dignidade de (31) **última dos Grierson**, como se fosse necessário aquele toque de vulgaridade terrestre... (32) **Pobre Emily**”, e quando as duas primas estavam hospedadas em sua casa. – Quero comprar veneno – disse ao farmacêutico. (33) **Contava, então, mais de trinta anos; era ainda delgada, embora estivesse mais magra do que de costume, com os olhos negros, altivos e frios num rosto cuja pele se repuxava na altura das têmporas e em volta das pálpebras, como se imaginava que deveria ser o rosto de um guardião de farol.** – Quero comprar veneno. – Pois não, (34) **Miss Emily**. Que espécie de veneno? Para ratos ou qualquer coisa assim? (35) **Miss Emily** limitou-se a fitá-lo, com a cabeça pendida para melhor fixar os olhos nos olhos dele, até forçá-lo a desviar o olhar e a ir buscar o arsênico, que embrulhou.

Com a chegada de Homer, Emily ganha mais vivacidade (24) e a recategorização via anáfora direta, representada em (25) e (26), traz ao texto a voz dos habitantes enaltecendo Emily, que atribuem à personagem – através do uso do sobrenome *uma Grierson* e do termo *uma verdadeira senhora* – a representação de uma sulista muito importante naquela sociedade, visto que, seria inconcebível esquecer sua nobreza e ligar-se a um nortista. Por conseguinte, à medida que a personagem mostra-se cada vez mais entregue ao amor de um homem que, segundo a população, não seria adequado para ela, a recategorização “Pobre Emily” torna-se uma constante (22, 27, 28, 29 e 32). Em (33), porém, vários termos ainda associam a personagem uma impenetrabilidade do que dizem os moradores ao redor. A Pobre Emily, então, se recategoriza e o referente é corrigido de maneira positiva. O pessimismo dos conterrâneos não se concretizava: ela estava magra, com olhos altivos e o rosto de um guardião de um farol, ou seja, estava acima de todos, avistando-os em uma posição superior.

Mas qual haveria de ser o fim de Miss Emily?

(Excerto 07)

Não tivemos grande surpresa quando, terminado o calçamento das ruas, Homer Barron partiu. (...) E, como esperávamos, no terceiro dia após essa partida, Homer Barron estava de volta à cidade. Os vizinhos viram o negro abrir-lhe a porta da cozinha, uma tarde ao escurecer. Quando a vimos novamente, (36) **Miss Emily tinha engordado muito e seus cabelos estavam ficando grisalhos**. Nos anos seguintes, foram ficando cada vez mais grisalhos, até o momento em que, (37) **tendo adquirido um tom cinzento-de-aço, sua cabeleira não mudou mais de cor**. Até o dia de sua morte, **aos setenta e quatro anos, aqueles cabelos conservavam ainda esse vigoroso tom cinzento-de-aço, como os cabelos de um homem ativo**. Desde aquela época, sua porta ficara fechada, exceto no decorrer de um período de seis ou sete anos, quando (38) **ela, quarentona, dava aulas de pintura em porcelana**.

E assim passou (39) **ela de geração para geração – querida, inevitável, impenetrável, tranquila e perversa.**

E, então, (40) **ela morreu.** Caiu doente no seu casarão cheio de sombras e de pó, tendo como único auxílio o negro caduco. (...) (41) **Morreu num dos quartos do andar térreo, numa cama de nogueira maciça com cortinados, a cabeça grisalha erguida por um travesseiro amarelo e mofado pelo tempo e pela falta de sol.**

Nesse último excerto, os termos “engordado” e “cabelos grisalhos” (36) remetem ao envelhecimento de Miss Emily. Mais uma vez, o referente é recategorizado e sua descrição torna-se semelhante a do início do conto. Apesar da idade avançada – morre aos setenta e quatro anos – os cabelos conservam o tom cinzento-de-aço (37) semelhante ao de um *homem ativo*, termo que designa e reflete a percepção patriarcal da época de que os homens seriam mais resistentes que as mulheres. Dessa forma, o locutor reforça o quanto Miss Emily resiste às mudanças pessoais e comuns. E isso agradava a uns e outros não, como comprovado em (38) e (39). O enunciado (39), aliás, reforça o quanto ela era alvo de atenção, despertando diversos tipos de emoção entre as gerações que a observavam com curiosidade: ela era querida, inevitável, impenetrável, tranquila e perversa. Tudo isso desde sua vangloriada juventude até o seu último dia (40). Conhecendo o amor e sendo impossibilitada de amá-lo por diversas razões – a estadia temporária de seu amado e o fato de ele se agradar mais dos homens –, Emily parece ter encontrado uma maneira de ficar para sempre ao lado de Homer, conforme se apresenta no próximo excerto.

(Excerto 08)

Nós todos já sabíamos da existência, naquela região, do andar superior, onde ninguém pisara há quarenta anos, de um quarto fechado que seria preciso arrombar. Esperamos que (41) **Miss Emily estivesse docemente enterrada, antes de forçá-lo.**

A violência com que pusemos a porta abaixo pareceu encher o quarto de uma poeira penetrante. Era como se uma mortalha, tênue e acre, se estendesse sobre todas as coisas daquele quarto, mobiliado e enfeitado para urna noite de núpcias (...) O terno de roupa estava dobrado cuidadosamente numa cadeira, debaixo da qual se viam os dois sapatos mudos e as meias largadas no chão.

E o homem estava deitado na cama.

Durante muito tempo, ali ficamos, imóveis, olhando para o seu ríctus profundo e descarnado. O corpo devia ter, a princípio, repousado na atitude de carícia, abraçado a outro corpo, mas agora o grande sono que sobrevive ao amor, o grande sono que vence até mesmo as carícias do amor, dominara-o afinal.

Notamos, então, que no segundo travesseiro havia (42) **a marca funda de uma cabeça.** Um de nós encontrou qualquer coisa caída sobre esse travesseiro e, debruçando-se, enquanto a leve, impalpável poeira acre e seca, nos entrava pelas narinas, (43) **vimos um longo fio de cabelo de um tom cinzento-de-aço.**

Por fim, as associações em (41) e (42) revelam como Miss Emily – aquela que vencida a todos (cf. 9 e 10) – havia encontrado um meio de permanecer junto a Homer. Há a confirmação de sua invencibilidade, uma vez que achou um meio de vencer até mesmo a morte de seu amado. A anáfora indireta *marca funda*

de cabeça (41) põe em relevo que alguém se deitava em companhia de um cadáver que havia morrido há décadas. Examinando essa marca, os moradores encontram um fio de cabeça num tom cinzento-de-aço. Textualmente falando, temos outra anáfora indireta que se associa a cor dos cabelos de Miss Emily, conforme já fora dito no enunciado (37). A construção textual do referente, assim, termina confirmando seu aspecto sinistro, pois, além de todas as recategorizações com valor semântico negativo, Emily era egocêntrica ao ponto de não aceitar viver sem o seu amado, matando-o envenenado e dormindo a seu lado desde a juventude até ficar de cabelos brancos, satisfazendo seus próprios sentimentos e ignorando a não reciprocidade por parte de seu amado.

Considerações finais

No conto analisado, observamos um *continuum* em que a personagem Emily é introduzida de maneira relativamente neutra. Tal referente vai sendo construído por meio de recategorizações que, ora agregam sentidos positivos, ora agregam sentidos negativos. Assim, Emily é apresentada como uma tradição, dever, aborrecimento. Depois, é recategorizada como uma senhora obesa, de aparência fúnebre. Por outro lado, também é possível observar o referente ser recategorizado como um objeto de veneração, um ídolo, alguém que na juventude transmitia paz. Conforme o texto avança, o referente é reapresentado como alguém invencível: mesmo doente tinha a aparência jovem e a serenidade como um anjo; quando achavam que ia se suicidar, aparecia desfilando numa charrete com a cabeça erguida; se a chamavam de Pobre Emily, ressurgia das cinzas encarando todos com uma superioridade que se assemelha a de um guardião de um farol. Chamavam-na de querida, inevitável, impenetrável, tranquila e perversa.

É preciso destacar que a construção das recategorizações do referente Emily, em algumas partes do conto, exigem um maior esforço cognitivo. Nem sempre as características que apontamos na análise foram marcadas textualmente. Desse modo, citamos como exemplo o fato de que não há no texto uma marca lexical que indique que o referente era “imbatível”, revelando uma recategorização sem menção referencial. No entanto, o fato de haver convencido a todos que não iria voltar a pagar impostos; aparecer sempre em um estado melhor que o que esperavam; ter conseguido conviver com o homem que amava mesmo que precisasse matá-lo, entre outros fatores, nos levam a construção de que Emily Grierson era invencível, embora a materialidade linguística não evidencie *ipsis litteris* a recategorização do referente com este adjetivo. Pudemos mostrar, então, o quanto o processo de recategorização é importante para a



construção dos sentidos dos textos, indispensável para a progressão textual e para estabelecimento dos objetos de discurso.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

_____. Anáfora e deixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2011.

FAULKNER, William. A Rose for Emily, In: II. The Village, **The Penguin Collected Stories of William Faulkner**. New York: Penguin, 1985. p. 119-130

_____. Uma rosa para Emily. In: D. Ridel. (Org.) **Maravilhas do Conto Norte-Americano**. São Paulo: Cultrix, 1957, p. 209-219.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, S. M. C. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.